

FUGINDO À SINA DA MORTE

Marcelo Abreu
Da equipe do **Correio**

Imagine um hospital sem cheiro de hospital. Inimaginável? Um lugar público onde quase tudo funciona bem. Surreal? Médicos, enfermeiros e auxiliares sorrindo pelos corredores. Piada? Pacientes e seus familiares agradecendo, quase em lágrimas, por suportarem a dor sem tanto sofrimento. Resignação exagerada?

Um lugar que — ironicamente feito para receber a morte (é para onde os hospitais da rede pública encaminham doentes crônicos e pacientes com diversos tipos de câncer, adultos e crianças, em estado terminal) — traduz vida. Utopia? Ilha da Fantasia?

Não. Esse lugar existe. O Hospital de Apoio é real. Há três anos é uma das melhores referências da saúde no Distrito Federal. Mais que isso: um exemplo de que, quando se quer, se pode fazer. E não foram necessárias fórmulas miraculosas, idéias magistras tampouco construções faraônicas.

Bastou determinação. Simples e prático. Assim como quase tudo que é feito ali. O Hospital de Apoio foi idealizado exatamente para ser ponta, uma espécie de suporte ao atendimento da rede pública. “A idéia é receber pacientes que exigem período de internação mais prolongado, desafogando, assim, os outros hospitais”, explica o chefe da internação, Delmason Carvalho, 38 anos.

Hoje, pacientes que ficaram paraplégicos e tetraplégicos — em decorrência de algum tipo de acidente —, ou com seqüelas irreversíveis provocadas por derrames têm endereço certo: Hospital de Apoio. Além disso, crianças e adultos com câncer, em fase terminal ou não, também são encaminhados para lá.

ESPERANÇA

A pequena Rayane Monte, sete anos, é uma delas. Depois de uma cirurgia no Hospital de Base (HBDF), a menina foi encaminhada para o Apoio. Com câncer na medula, entre idas e vindas, faz periodicamente quimioterapia. Em cada internação, fica no mínimo três dias. Lá, ela brinca, pinta e monta palhaquinho. “Os médicos daqui tratam a gente como se fosse a família deles”, elogia a mãe de Rayane, Nadja Monte, 30. “Ela vai ficar boa, não tenho dúvida disso.”

Nesse lugar quase-perfeito existem nove médicos, 13 enfermeiros, 70 auxiliares, dez fisioterapeutas, seis assistentes sociais, seis nutricionistas, dois fisiatras, três psicólogos e um ortopedista.

São 80 leitos para adultos e 22 de crianças. Setenta pacientes estão internados. “O paciente tem que morrer com dignidade”, sentencia o chefe da enfermagem, Wellington Antônio Silva, de 31 anos. Em seguida, filosofa: “O mais importante é passar o calor humano para os doentes. Técnica você aprende nos livros”.

Fotos: Glaucio Dettmar



Com câncer na medula, Rayane, sete anos, é umas das internas. A mãe, Nadja Monte, elogia: “Os médicos daqui tratam a gente como se fosse a família”